

## ENTREVISTA

POR STEVENS STANDKE / FOTO FERNANDA LUZ

# SOM QUE EDUCA

A música é importante na formação de qualquer pessoa. Mas a pianista e professora da USP Maria Teresa Alencar de Brito diz que os colégios devem repensar suas estratégias

Dependendo da idade, o ser humano vivencia a música de jeitos bem diferentes, o que acaba por refletir a evolução da sua consciência. E segundo Maria Teresa, o contato com canções e instrumentos costuma ser muito positivo. Um ponto negativo, na opinião de Teca – como é conhecida a professora da Universidade de São Paulo (USP) –, é a forma como se aborda a música no colégio. Proprietária da Teca Oficina de Música, que mantém na Capital, e autora de três livros, a educadora fez recentemente palestra na **Universidade Católica de Santos (Unisantos)**. A seguir, enumera os benefícios do trabalho com o mundo das canções. Também analisa os impactos da Lei 11.769, de 2008, que restabeleceu a música como conteúdo obrigatório em escolas públicas e particulares.

### DESENVOLVIMENTO Qual o reflexo da música na educação?

Ela tem importância enorme na vida do ser humano. Por causa disso, devemos dar espaço para que toda pessoa possa desenvolver tal potencial artístico. E aí entra a educação, lógico que em graus diferentes: do ensino infantil até a profissionalização. Quando a gente faz música, tem a oportunidade de se tornar um ser mais inteiro, mais integrado, porque vai exercitar vários lados, unindo a emoção e a razão. Entre eles estão a sensibilidade, a criatividade, a percepção do mundo, a escuta qualitativa, a memória.

### Há mais algum benefício?

A pessoa vai estimular o raciocínio lógico-matemático, a capacidade de reflexão, pois a música é sempre

um jogo de relações. Tudo isso proporciona evolução ampla, que passa pelo aspecto físico – motor e sensorial – de tocar instrumentos, cantar, adquirir coordenação... A música também auxilia em outros aprendizados, como o de idiomas. Mas, no meu modo de pensar, não deve ser usada com o intuito de favorecer apenas a aula de determinada disciplina ou forçar o desenvolvimento de habilidade específica. O educador precisa ter ponto de vista equilibrado, para não empobrecer um trabalho que pode ser muito abrangente.

### ESTRATÉGIA Como seria uma dinâmica interessante?

A escola não deve se limitar a cantar canções para os dias do índio, do professor etc. O processo musical tem condições de ser mais rico. Por exemplo, em paralelo à USP, administro a Teca Oficina de Música, que é espaço na Capital onde aproveito para realizar pesquisas e onde as crianças podem fazer suas próprias canções. Lembro que, no 1º de abril, alunos que têm em média 8 anos estavam contando mentiras. De repente, surgiu a ideia de o grupo montar música sobre a mentira.

### Colocou essa proposta em prática?

Virou trabalho coletivo de criação. Com suporte dos professores, a turma compôs a letra, escolheu instrumentos e bolou arranjos. Foi algo bastante produtivo. E olha que contextualizamos um assunto que nem é de cunho acadêmico.

### E essa proposta dá para ser aplicada em vários temas...

A música tece relações com a vida como um todo. Da mesma maneira

que preparamos canção sobre o 1º de abril, daria para elaborarmos material sobre qualquer tema. Inclusive, sobre tópicos que as crianças estudam no colégio, desde que aquilo fizesse sentido para elas. Essa dinâmica é diferente de colocar a classe para cantar música com a obrigação de assimilar um conteúdo ou para indicar que chegou o momento de lavar a mão, de comer, enfim, para pontuar tudo o que acontece, o que acaba por ser desgastante.

### Na sua oficina, trabalha com qualquer faixa etária?

Lido com crianças a partir de três anos até adultos. Mas, como mexo há muito tempo com o público infantil, o espaço recebe em maior parte esse perfil de aluno. Lá, desenvolvo a linha que comentei: incentivar a criação, improvisação...

### LEI O que acha da legislação sobre o ensino de música no colégio?

A Lei 11.769, de 2008, definiu o retorno da música para a escola, como conteúdo obrigatório da área de Artes. Isso porque, desde a década de 70, com a Lei 5.692 e a polivalência na Educação Artística em alta, o professor de Artes concentrou todas as funções, lecionando um pouco de cada coisa. Eu mesma cursei o bacharelado em piano, já que sempre estudei música, e tirei a licenciatura plena em Educação Artística, para poder atender a demanda do mercado e dar aulas de Artes Plásticas, dança etc. Mas, devido a esse cenário, a música foi afastada dos colégios.

### Por quê?

A menor parte dos professores de Educação Artística tinha habilitação



**“A música ajuda a fortalecer questões afetivas”**

plena em música. E como não existia legislação que exigisse que o educador realmente abordasse todas as artes, cada escola organizou a grade do seu jeito, de modo que algumas deixaram a música de lado. Profissionais do ramo e a Associação Brasileira de Educação Musical começaram, então, a lutar para que a música fosse revalorizada. A Lei 11.769 foi o resultado dessa briga de anos. Mas a discussão ainda não teve fim.

**O que se debate agora?**

Pelo fato de a legislação dizer que a música deve ser só um conteúdo, os colégios não se sentem cobrados a transformá-la em disciplina igual à Matemática ou à própria Educação Artística. Como a área de Artes ainda pode ser organizada conforme os critérios da escola, o ensino, por exemplo, de música e dança continua a não ser obrigatório em todas as séries. A ideia, portanto, tem sido de os alunos aprenderem música durante alguns anos e, aí, mudarem para Artes Visuais etc. Ao mesmo tempo, a lei não exige que o professor de música seja especialista nisso.

**Ou seja: a situação permanece sem resolução.**

Sim. Esse artigo sobre a não necessidade da especialização devolve, de certa forma, as aulas de música para os professores de Educação Artística. E o prazo para a música voltar para a grade escolar termina em agosto. O que considero positivo na Lei 11.769 é que causou maior mobilização. Com frequência, acontecem encontros.

**Você frequenta tais eventos?**

Mediei fórum no Instituto Arte na Escola, que tem a tradição de concentrar profissionais de Artes Visuais. Diversos participantes do evento expressaram preocupação: "A gente terá de dar aula de música mesmo sem ser especialista?" Apesar de ainda não dispor de resposta fechada para a questão, falei que não é o que se espera. Só que há poucos profissionais que tiraram licenciatura em música.

**TRANSIÇÃO O que fazer então?**

Como deve demorar para que mais pessoas se formem, o retorno da

música para o colégio pede um processo de adaptação. Nesse primeiro momento, as capacitações teriam de ser mais rápidas. Há algo curioso. Atuo no Departamento de Música da USP. Dou aula no curso de licenciatura e educação musical e na pós-graduação. A cada vestibular, a universidade destina, no total, 35 vagas que serão divididas entre todos os cursos do Departamento de Música – respectivamente bacharelado, instrumentos, licenciatura, composição e regência. Vamos pegar o ano de 2011, em que entraram 20 alunos para licenciatura. Logo, sobraram somente 15 vagas para os demais cursos. Nunca a USP registrou tanta procura pela licenciatura.

**Sinal de que as pessoas estão modificando a maneira como encaram o ensino da música.**

Sim. A população começou a ver mais perspectivas na licenciatura. Antigamente, não existia qualquer motivação para alguém optar por esse tipo de graduação.

**ETAPAS Dependendo da idade, a gente vivencia as canções de jeitos diferentes?**

Eu acredito nisso. Como nós, seres humanos, estamos em constante transformação, o modo como percebemos e escutamos música tende a mudar com o tempo. Reparo que, quando a pessoa faz aula bem cedo – aos 3, 4 anos –, ela acha que sabe manusear todos os instrumentos, porque o primeiro aspecto que a criança apreende é o gestual. Certa vez, uma mãe visitou

a minha escola com o filho e ele, por mais que desconhecesse as notas Dó, Ré etc., se pôs a tocar o piano. Aí, chamou a mãe para lhe acompanhar. Ela se recusou, argumentando que não sabia. O filho respondeu que lhe ensinaria: "Só aperta a tecla que o som sai". Presencio situações assim direto.

**O que ocorre em outras idades?**

As mudanças estão relacionadas tanto com as nossas experiências musicais quanto com o nosso desenvolvimento cognitivo, a nossa forma de pensar. Quando a criança é alfabetizada e ingressa no mundo das regras, toma ciência de que cada melodia segue determinada ordem, que não se trata de uma exploração livre. O gosto musical também sofre alterações de acordo com a época. Quando é pequeno, a gente aprecia canções infantis. Basta crescer para trocar de preferência. A música ainda tem lado social. Dependendo dos amigos, parentes e colegas, a pessoa tende a curtir este ou aquele som. E quem estuda música costuma desenvolver gosto cada vez mais complexo.

**Qual a sua avaliação do jeito como o adulto e o idoso absorvem as canções?**

A música acompanha a evolução da nossa consciência e ajuda a fortalecer questões afetivas. Ao entrar na Terceira Idade, muita gente decide participar de um coral ou fazer aula para resgatar o sonho de cantar e até tocar instrumentos.

**AUTOESTIMA Como a música atua na educação de portadores de necessidades especiais?**

Ela é valiosa. Tive vários alunos com Síndrome de Down sensíveis ao trabalho com canções e que mostraram facilidade para absorver ritmos. As outras crianças ficaram admiradas com o desempenho do colega portador de necessidades especiais. Ele, mesmo com as suas limitações, passou a ser mais valorizado pelo grupo. Isso fez bem para sua autoestima. E defendo: deve haver mudança pedagógica. A gente precisa adaptar a estratégia de ensino para qualquer pessoa, não importa se ela tem necessidade especial ou não.●